

# FUMO



FUMO

FRENTE UNIDA DEMOCRÁTICA DE MOÇAMBIQUE



5

BOLETIM INFORMATIVO  
DEZEMBRO 1980

**FRENTE UNIDA DEMOCRÁTICA DE MOÇAMBIQUE**

**NOTA PARA A IMPRENSA**

Pouco depois das 21,30 horas, do dia 27 de Outubro deflagrou um potente engenho explosivo junto à residência em Lisboa, do Dr. DOMINGOS AROUCA, Presidente da FRENTE UNIDA DEMOCRÁTICA DE MOÇAMBIQUE (FUMO).

O engenho destruiu completamente o automóvel do Dr. Domingos Arouca, causando ainda prejuízos consideráveis na sua residência. Tanto o nosso Presidente como os membros da sua família escaparam milagrosamente. Deus está connosco contra os ateus comunistas. Os serviços de inquirição da FUMO pedem a todos os Moçambicanos que se conservem calmos, unidos e vigilantes: Sabe-se de novas infiltrações em Portugal da NASP de Samora Machel que em Portugal dispõem do apoio de Serviços Estrangeiros altamente especializados neste tipo de acções. Recomenda-se coragem e determinação, exemplo máximo dado pelo nosso Presidente.

**SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO DA FUMO**

E.M.S.  
28/10/80

Exmo. Senhor Doutor Domingos Arouca  
Rua Diogo Azambuja, nº 24  
LISBOA

Dezenas refugiados Moçambicanos cobardemente repudiaram o atentado terrorista. Enviamos telegramas ao primeiro Ministro, ANOP, RTP, manifestando nosso repúdio. Saudações Moçambicanas  
**UM GRUPO DE MOÇAM BICANOS ISRAEL**

Exmo. Senhor Doutor Francisco Sá Carneiro  
Digníssimo Primeiro Ministro do Governo da Republica Portuguesa  
Palácio São Bento-Lisboa

Dezenas refugiados Moçambicanos cobardemente repudiaram o atentado terrorista contra a viatura do Dr. Domingos Arouca. Exigimos castigo exemplar para os terroristas.  
**UM GRUPO DE MOÇAM BICANOS ISRAEL**



TELEGRAMA

TELEGRAMA

TELEGRAMA

TELEGRAMA

CTT

Doutor Domingos Arouca  
Av. Diogo Azambuja 24  
Restelo-Lisboa

Dr. Domingos Arouca  
Rua Diogo de Azambuja 24  
Restelo-Lisboa

Lamento ódio rancor necessário reforçar nossa posição  
coragem  
FERNANDO LONCETRO

Nosso nome e da UPICV renunciamos vil atentado terrorista inimigo liberdade Africa contra sua pessoa ponto Estrangeiros Moçambicanos contra opressores Moçambicanos  
**ATRES ESTEPO GRACA CLARIMUNDO DELGADO**

TELEGRAMA

Rádio Televisão Portuguesa - Lisboa

Dezenas refugiados Moçambicanos cobardemente repudiaram o atentado terrorista contra a viatura do Dr. Domingos Arouca Presidente da FRENTE UNIDA DEMOCRÁTICA DE MOÇAMBIQUE.  
**UM GRUPO DE MOÇAM BICANOS ISRAEL**

RAMA

Dr. Domingos Arouca e esposa  
Repudio violento ao atentado terrorista e ao atentado terrorista apresentando meus respetos e cumprimentos ponto FUMO vencerá.  
**OCTAVIO NEVES CARNEIRO**

Agência Noticiosa Oficial Portuguesa-ANOP  
Dezenas refugiados Moçambicanos cobardemente repudiaram o atentado terrorista contra a viatura do Dr. Domingos Arouca Presidente da FRENTE UNIDA DEMOCRÁTICA DE MOÇAM BICANOS ISRAEL

TELEGRAMA

GRAMA ... CTT



## MOÇAMBICANOS

O desespero do inimigo é sinal evidente da nossa força. O recente atentado bombista que pretendia atingir-me é prova inequívoca de que o inimigo sente chegar a hora da Justiça e Liberdade para o Povo Moçambicano.

## MENSAGEM

O apoio internacional à nossa luta é já uma realidade de concreta. As solicitações de que temos sido alvo trazem-nos grande conforto e estímulo.

Por isso, merecem-nos uma palavra especial as entidades e individualidades amigas de diversos países, em particular da Alemanha Ocidental, da Noruega e de países e movimentos de libertação africanos de quem temos recebido provas de solidariedade e de apoio.

A evolução política no mundo ocidental verificada no decorrer do ano de 1980 trouxe-nos novas e reforçadas esperanças. Assim, verificamos que Portugal parece ter agora entrado numa fase de estabilidade política, que muito contribuirá para o estabelecimento de verdadeiras relações de amizade com o futuro Moçambique. Também os Estados Unidos, após quatro anos de ambiguidades e cediências, parecem agora retomar o seu papel líder das nações livres.

Papel importante tem desempenhado a República Popular da China no estabelecimento do equilíbrio na política mundial. Sem a sua participação ativa seria bem difícil conter o expansionismo soviético e prever mesmo, em futuro que se deseja breve, profundas transformações sociais e políticas no mundo dito socialista.



## DO PRESIDENTE

### AOS MOÇAMBICANOS E AMIGOS DE MOÇAMBIQUE

São prova disso as vitórias dos trabalhadores locais e as actividades dos dissidentes soviéticos e de outros países socialistas. É urgente: Que o diga o martirizado povo do Afeganistão, merecedor de total solidariedade.

Mas é a vontade do povo Moçambicano, inequivocamente demonstrada, que será fundamental para o derrube do regime marxista-leninista ainda no Poder.

Pessoalmente o verificámos, durante a nossa estadia em Moçambique, em meados do corrente ano. Percorrendo com inteiro à vontade as zonas libertadas, sempre fomos rodeados do maior carinho e aplauso por parte do Povo e das tropas que combatem o regime opressor.

É impressionante o desejo de liberdade do povo que, apesar das duras dificuldades em que vive, se mostra disposto aos maiores sacrifícios para apoiar o Programa Político, Social e Económico preconizado pela FUMO.

Foi, assim, possível concretizar a aliança entre as forças de oposição que, honesta e abnegadamente, combatem o inimigo comum. Excluídos foram aqueles que, fingindo o por-se ao machelismo, com ele pactuam e negociam, atraçando os verdadeiros patriotas.

É, pois, com redobrado ânimo que nos dirigimos aos Moçambicanos. Os sacrifícios de longos anos, passados dentro e fora de Moçambique, serão, com a ajuda de Deus e a vontade do Povo Moçambicano, finalmente em breve compensados.

**DEMOCRACIA, PAZ, PROGRESSO E LIBERDADE PARA MOÇAMBIQUE.**



FUMO  
POR UM MOÇAMBIQUE EM PAZ  
POR UMA VIDA LIVRE  
POR UM REGRESSO CERTO

# 4 IOÇAMBIQUE: FOME É "MATO"

a verdade, a situação alimentar em Moçambique está de l modo degradada que, aqui- que se julgava impossível agora forma vulgar do fim vida dos moçambicanos: mor r de fome.

inda que os actuais respon veis frelimistas tentem ca flar o estado caótico em e se debatem milhões dos ssos concidadãos moçambica s, a verdade é que tudo re lta, não da fatalidade cli tica como querem fazer crer mundo, de modo a justifi- r as esmolas que pedem ao idente, mas da ineficácia princípios e dos métodos organização e trabalho es

avagistas, que conduziram desinteresse e apatia dos çambicanos, que a Frelimo er transformar em "robots". Com efeito, as estruturas p- ticas do governo machelista comportam-se como capata- s políticos ao serviço dos trões comunistas russos.

Para estes serviços da po- tica russa, em Moçambique, distem cantinas e supermer- ados onde se abastecem, mas diplomáticas em que tran saccionam divisas estrangei- as; em suma, tudo o que lhe sraga a satisfação das suas necessidades e, também, para s negócios no mercado negro Para o bom povo moçambicano ada existe: apenas a possibi lidade de morrer de fome, pois aquisição de pão, sal, peixe arinha, óleos, carne, sabão e ntros produtos básicos, além o vestuário, constituem hoje as cidades e no meio rural, na actividade complexa e pre cupante, face a impossibili dade de se encontrarem à ven

l. Embora Machel, ao visitar sendos centros ou depósitos e abastecimentos, quis escou er a verdadeira situação, a- tribuindo a hipotéticos açã- aparedores a responsabili- dade que é evidentemente sua, eis nada nem ninguém em Mo- çambique, vive fora da alçada e vigilância irmanada à De-

núncia, actividades legalmer te estabelecidas e acarinha das pelo governo de Machel.

Quis, pois, enganar o povo moçambicano atribuindo as causas das privações e da fome a sabotadores da econo mia, o que o povo não acrep- ta, pois sabe e sente que a sua própria produção é-lhe retirada pelos lacaios da policia (SNASP).

Com efeito, a incapacidade dos actuais capatazes polí- ticos, que em vez de traba- lharem e produzirem, apenas recitam teorias de uma prá- tica política que não sen- tem nem vivem, conduziu à es tagnação da vida económica e à fraca produtividade do trabalho.

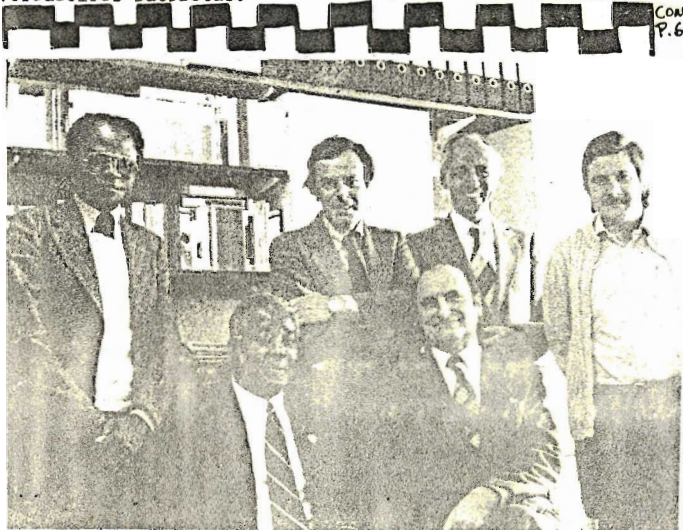
Por outro lado, o Mundo já aprendeu que não pode conti nuar a alimentar a nova clas se parasita de opressores e escravagistas que, em vez de promoverem o desenvolvimen- to económico, tem aberto ca da vez mais campos de con- centração onde torturam os verdadeiros patriotas.

Na verdade, a preocupação dos fantoches frelimistas é a destruição da consciência dos cidadãos moçambicanos, de modo a evitar a explosão de todo um povo que aspira à sua independência económi ca e social.

A preocupação destes lacaj os do império comunista rus so é apagar da memória do povo moçambicano o sentimen- to da liberdade, conduzindo- o a uma atitude de renúnci a e abandono da esperança que nascia da independência.

Hoje sabe que não é dono da sua casa, dos seus meios de produção, dos seus própri os filhos, que não tem a li- berdade de comprar o que lhe convier, pois está discrimi- nado em relação ao meio socia- l da sua própria Pátria.

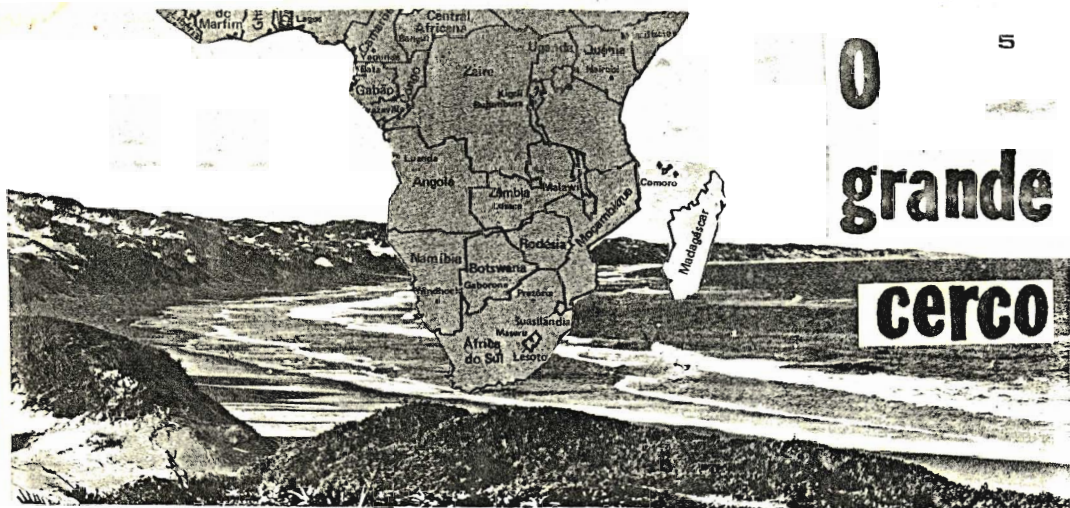
Agora o povo moçambicano sabe que os seus governantes são um bando de capatazes que mentem quando escrevem e afirmam que a liberdade do trabalho e a livre inicia- tiva são um novo arranque para o progresso. O novo sa- be que tudo o que sobre es-



O DR DOMINGOS AROUCA NO BUNDESTAG ARÓS CONVERSÇÕES COM ALGUNS DEPUTADOS DO PARLAMENTO ALEMÃO DO PARTIDO G D U



# O grande cerco



Uma das palavras actualmente mais em voga no panorama político nacional e internacional, parece ser a ressonante "futurologia", talvez porque se torna cada vez mais possível na floresta das conjecturas políticas determinar com reduzida antecedência, o que poderá vir a processar-se nos vários pontos do globo que constituem áreas de tensão internacional.

No que concerne à África, de há muito se tornou relativamente fácil apontar com o dedo no mapa as zonas onde poderão surgir conflitos armados e levantamentos bélicos do mais variado cariz, pois todas estas perturbações, que muitas vezes surgem sob a forma de lutas étnicas ou conflitos de ambições a nível de líderes, nada mais são que fases características de uma estratégia concertada para isolar a Europa da África, tornando ambas cada vez mais vulneráveis e mais susceptíveis de virem a ser esmagadas pelas superpotências.

Ao cerco territorial em redor da África do Sul, cada dia mais apertado e suicidamente mais consentido, como consequência directa da queda de bastiões, como Angola e Moçambique que representavam em África focos de influência e de cultura ocidentais, segue-se agora o estado de conflitos e de perturbações populacionais em áreas igualmente vitais para o estrangulamento económico de ambos os continentes, como é o actual conflito no Golfo Pérsico.

Na realidade, mais uma vez se torna previsível o bloqueamento da rota dos petroleiros que fazem girar as engrenagens industriais de países, de um extremo ao outro do globo, desde a França ao Japão.

E se do tablado amplo dos acontecimentos mundiais, passarmos a eventos de carácter interno em alguns países de África, vemos, por exemplo, um Samora Machel entrar calçado nas

## domingos arouca

mesquitas de Moçambique e perseguir ferozmente, naquela estratégica terra do Índico os muçulmanos que dela são filhos. Poderia tratar-se de um acto de pura ignorância ou de típica brutalidade ou até mesmo de fanatismo ideológico, mas analisado no contexto total das grandes planificações políticas resulta muitíssimo mais do que isso.

O mundo muçulmano é, de facto, uma das grandes forças a destruir pelo Comunismo Soviético, que teme todas as ideologias baseadas na elevada crença numa vida extra-terrena.

Com efeito, nada significam os pseudo-tratados pontuais de amizade, cooperação e de apoio que os soviéticos têm vindo a celebrar com algumas nações árabes e africanas de expressão maioritária muçulmana. Estas sabem-no e, na sua maioria, com aquela sagacidade própria e específica que ressalta do Al Koran e que se tornou uma das características sempre presentes na cultura árabe, vão tornando as situações e procurando o caminho que mais convinha aos seus interesses imediatos.

Tal como para com o Cristianismo, os soviéticos actuam com o mundo islâmico: onde os podem dominar, perseguem e hostilizam, não deixando sequer que sigam os preceitos da sua religião, como sucede em Moçambique e no Afeganistão, enquanto que nas regiões ainda a conquistar e onde se torne necessário "não espantar a caça" a actuação inicial se apresenta algo melíflua.

Começam por assinar tratados de amizade e fornecer material militar, para depois se imiscuirem nas problemáticas nacionais dos Estados e semear sub-repticiamente a cizânia. E, por vezes, é extremamente fácil quando estão em disputa dife-

renças e antagonismos étnicos, como é o caso de muitas nações árabes do Golfo Pérsico e para além dele.

No que respeita a Moçambique, como é do conhecimento geral, a Frelimo de Samora Machel recebeu de uma ínfima minoria soviética de portugueses as áreas de África que se tornavam necessárias à implantação do comunismo neste Continente.

Tudo parecia fácil para alguns ambiciosos políticos portugueses e para outros que nunca haviam estado sequer em Moçambique, nem sabiam o mínimo exigível das opções religiosas e políticas das suas populações. Era só fazer algumas assinaturas ilegíveis de cedência criminosa, o mais apressadamente possível, para aproveitar a euforia do golpe de Estado em Lisboa e não dar tempo a que os dois povos irmãos, moçambicanos e portugueses, pudessem tomar consciência da versão modernizada da venda de escravos que lhes ia caber por sorte.

Já dentro do terreno, a Frelimo marxista, seguindo o esquema habitual das actuações expansionistas soviéticas, começou logo a mostrar a sua autêntica face. Já não era necessário continuar a fazer crer que se respeitavam os crendos religiosos das várias etnias de que a população é constituída. Eles eram até sérios obstáculos a remover imediatamente para que se concretizasse a missão marxista e atea da Pseudo-Frelimo — a de transformar Moçambique em Cuba de África.

Assim, muçulmanos e cristãos e outros credos religiosos que poderiam dificultar esta despersonalização maciça do País, tinham de ser ridicularizados, perseguidos e humilhados.

Obviamente, tal perseguição reveste-se de especial ênfase quando, como no caso dos muçulmanos em Moçambique, opõem ao processo de ateiza-

ção toda a força da sua mentalidade religiosa e a pureza da sua fé na vida extraterrena.

Ocupando Moçambique uma posição geo-estratégica fundamental na extremidade da zona marítima que começa no Golfo de Ormuz, os actuais dirigentes comunistas moçambicanos tinham de fazer calar as vozes dissidentes dos muçulmanos no interior do seu país, enquanto a estratégia soviética incendiava o mundo árabe nas mediações do mesmo golfo.

E para o fazer, nada mais precisavam os russos que dar apoio mais ou menos velado a esta ou aquela nação, acentuando e exacerbando as diferenças étnicas e políticas da zona ou até divergências pontuais de querelas territoriais.

Para além dos dois povos envolvidos no conflito, o Iraque e o Irão, outros Estados se sentem ameaçados com o alastramento da guerra e com a quase certeza de serem os alvos seguintes nessa onda de luta fratricida, ateadá pelo fanatismo expansionista soviético.

E algumas destas nações, como os Emiratos Unidos, o Kwait ou a Arábia Saudita têm razões de sobejo para se preocuparem, pois não só constituem posições-chave na rota e na produção do petróleo, como têm demonstrado uma serenidade e um desejo de não envolvimento que de modo algum agrada à tática moscovita.

Mais interessados em fazer trilhar os seus países os caminhos do progresso com os altos recursos que dispõem, do que em tornarem-se potências militares, vêm-se agora a braços com uma iminente situação de guerra que não provocaram, a qual vem interromper as reformas sociais em que estão empenhados e que estão a ser levadas a cabo numa atmosfera de prudência e de conservação de valores étnicos que se identificam profundamente com as palavras sagradas da Lei.

# Grande Cetco

De um extremo ao outro do Índico e, em especial, no cordão umbilical que liga a Europa à África e que se situa na zona do Estreito, são chamados agora os muçulmanos a erguer barreiras à última fase do alastramento da mancha vermelha. É altura de não se deixarem manipular pelas grandes potências, nem se deixarem arrastar para conflitos forçados para destruir a cultura islâmica ou, pelo menos, neutralizar a sua força.

Tal como na construção da Idade Moderna, das descobertas marítimas e do saber de experiências feito é necessário agora que o mundo árabe e africano se virem para o Ocidente, que de há muito se tornou o seu irmão natural, mesmo quando parecer digladiar-se.

Como nunca, torna-se necessário que os homens que acreditam num Deus que premeia e pune, dando significação à sua passagem pela terra, se unam contra as hordas da avalanche vermelha e ataja que os pretende destruir.

Porque nós, em Moçambique que estamos sofrendo já o jugo marxista, representamos em grande parte este compromisso de sangue muçulmano e cristão, continuamos a ser como aquele muçulmano assinado na Beira pela Frelimo a quem foi encontrado no interior do cofió, que tapava a sua cabeça torturada, a mensagem:

"NÃO TRAIRES O MEU DEUS  
NEM A MINHA PÁTRIA"



FUMO

## FUTURO, PASSADO, PRESENTE

Futuro que me preocupa  
Futuro que me envelhece  
Futuro que me separa  
Do passado

Futuro que é passado  
Futuro que é presente  
Futuro que eu prevejo  
De amarguras e alegrias

Futuro que me faz  
Relembrar o passado  
Que no presente me deixa  
Entre dois muros do tempo

Futuro e passado  
Que me fazem pensar  
Qual dos melhores foi  
Entre o passado e o presente

Futuro passado e presente  
que nos unem  
Nas cidades e na mata  
Para juntos um dia  
Reconstruirmos Moçambique

## MOÇAMBIQUE

(cont.)

# FOME E MATO

se problema afirmam é apenas para atrair o auxílio estrangeiro, de que apenas aproveitamos o que servem o governo, e não para benefício do povo que vive na sua Pátria como um rebanho amedrontado pelos algeozes frelimistas.

Mas não somente desaparecem os alimentos, como até os próprios utensílios de mesa sendo vulgar, nas pensões e hotéis, esperar que os comensais terminem o repasto para poderem servir-se das mesas colheiras e garfos.

Assim, a caótica situação em que se debate o povo moçambicano, não pode resolver-se com Acordos de usura económica, tal como os que alguns governos oportunistas, através das suas firmas, elaboram, invocando laços de ancestrais amizades. Há que compreender a razão por que se morre de fome em Moçambique.

O envio e venda de produtos e mercadorias alimentares, ao abrigo de linhas de crédito, não resolve o problema, pois apenas enche algumas prateleiras da despensa de produtos que durarão algum tempo.

O que os responsáveis dos Governos que promovem tais Acordos, sob impulsos altruístas nascidos das tendências de uma "história" que se conta em cifrões da ordem dos milhões de contos, devem saber, é que tal "auxílio" irá encher a barriga dos opressores para melhor poderem continuar a matar à fome o povo moçambicano, pois o que rem anémico, esfomeado, esquelético e incapaz de sacudir o jugo que o acorrenta à violação dos mais elementares direitos humanos.

A solução para socorrer o Povo Moçambicano e não a fauna frelimista-passa por uma cruzada de fraternidade nos campos e oficinas, nas escolas e nos hospitais, nas cidades e nos campos, com a participação de todos os homens e mulheres nascidos ou radicados em Moçambique, mas que agora se encontram postergados por autênticos usurpadores que os marcaram com o cano das armas como "vendilhões de pátria, sabotadores corruptos, colonialistas portugueses, etc. etc.", vivendo longe da querida Pátria de Moçambique.

Assim, as linhas de crédito servirão para abrir e aumentar as contas bancárias no estrangeiro de muitos dos actuais dirigentes do actual governo moçambicano, que terão de dividir os lucros dos negócios com algumas das hienas que invocam laços de amizade que não sentem, porque não amam verdadeiramente o Povo Moçambicano.

A fome continuará a matar até que a verdadeira libertação e independência ergam Moçambique da escravidão e exploração a que está sujeito.





## QUEM TEM FUTURO NO NOVO

## MOÇAMBIQUE?

Perguntam-nos repetidamente: "Como vai ser o futuro de Moçambique?"

São, sobretudo, moçambicanos mas também entidades e cidadãos estrangeiros que, antecipando a queda do regime machelista, desejam saber que tipo de regime virá a ser instituído e quem terá lugar nesse novo país que irá ser erigido.

Tais anseios são legítimos. Submetidos a uma e reforcada ditadura, aqueles que permaneceram no país hesitam apoiar movimentos cujo compromisso político não seja idóneo e publicamente declarado. Já foram enganados pela Frelimo, não querem repetir o erro. Os que, moçambicanos ou ex-residentes se viram forçados a fugir — buscando abrigo noutros países, querem saber se poderão voltar em segurança para participar na reconstrução do país. Pois atentem no que se segue. A oposição é agora liderada pela FUMO, cujos princípios ideológicos estão há muito divulgados. De forma racional e condensada constam do nosso projecto de Constituição Política, editado nos Estados Unidos, em Março de 1979.

Nele se estabelecem as garantias fundamentais (liberdades e direitos fundamentais dos cidadãos), os princípios económicos, de defesa e ordem pública, de organização política (presidência e governo, congresso nacional e tribunais) e de organização estadual e autárquica. Em resumo, preconiza-se um Estado de Direito, orientado pelos mesmos princípios que regem as democracias ocidentais, tomando em conta o estágio de desenvolvimento social e cultural do Povo; promoção e apoio à iniciativa e propriedade privada, em equilíbrio com um sector público que corresponda às necessidades dos cidadãos.



### O DR DOMINGOS AROUCA COM COMISSÁRIOS POLITICOS DA RESISTENCIA, NA SUA RECENTE VISITA A MOÇAMBIQUE

A grave situação económica presente exigirá uma consciência disciplinada social para neutralizar os extremismos prejudiciais à recuperação do país, rumo ao bem-estar e progresso; porém, com inteiro respeito pelo indivíduo em todos os aspectos essenciais à sua dignificação, mormente quanto às suas tradições, sentimentos religiosos, manifestações culturais e personalidade regional.

A necessidade premente de auxílio económico influenciará necessariamente a política externa. Obteremos apoio junto dos países amigos, dando preferência aos acordos que melhor se coadunem com a defesa da nossa independência. Não esqueceremos, porém, as nossas responsabilidades de cooperação na defesa dos princípios fundamentais que caracterizam as nações livres.

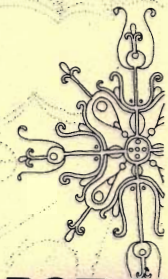
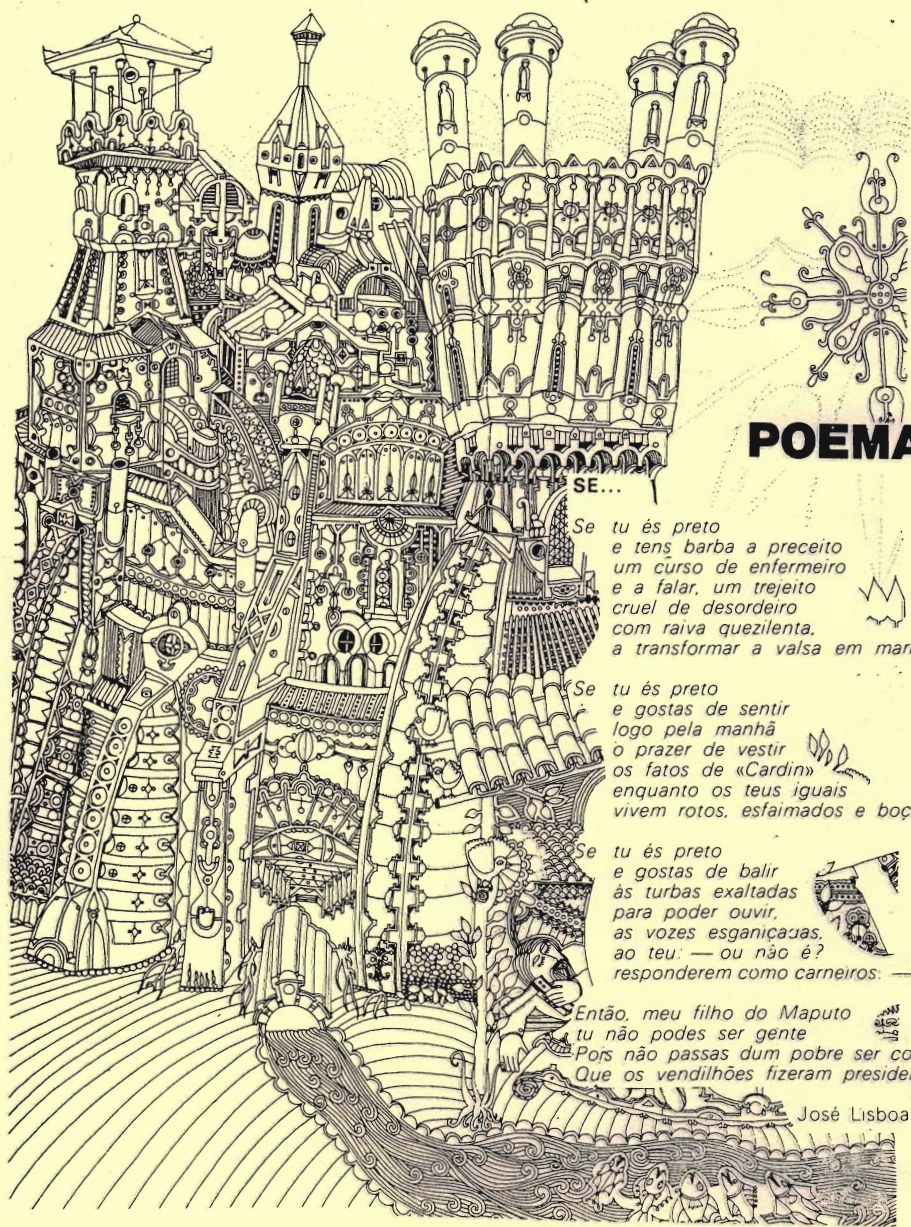
O respeito pela dignidade do Povo Moçambicano e os seus princípios de justiça serão a única base para exclusão do processo de reconstrução. Estarão nesta caso algumas instituições e pessoas que se revelaram indignas de nele participarem quer durante o período colonial quer após a independência. É o caso daqueles que, ao abrigo de privilégios antigos, apenas se serviram de Moçambique sem o servirem

condignamente e aguardam como abutres nova oportunidade. Entretanto, vão negociando com a Frelimo, colaborando com esta nas perseguições e ataques aos patriotas que, dentro e fora de Moçambique e mercê de enormes sacrifícios, continuaram a luta inacabada. É ainda o caso dos oportunistas de menor calibre que, tendo sacado de Moçambique tudo o que puderam, se inibiram de ajudar e apoiar por qualquer forma a nossa luta; e, pelo contrário, se dedicaram, por miseráveis invejas pessoais, a prejudicar a acção dos que activamente se empenharam na luta. E, por último, aqueles que conscientemente se empenharam nas acções de denúncia, repressão, tortura e assassinio dos resistentes ou regimes descontentes com os regimes colonial e machelista.

A esmagadora maioria, que ama a Pátria Moçambicana, sua por origem ou por adopção, ficará assim livre de sua escória e consciente de que o fruto do seu suor revertirá a favor do seu país e dos seus filhos. Não nos envolveremos em perseguições históricas mas não deixaremos de praticar justiça como exemplo salutar, dignificante e motivador.

O Novo Moçambique será, pois, aquilo que tivermos a coragem e capacidade de construir.





## POEMA

SE...

Se tu és preto  
e tens barba a preceito  
um curso de enfermeiro  
e a falar, um trejeito  
cruel de desordeiro  
com raiva quezilenta,  
a transformar a valsa em marrabenta?

Se tu és preto  
e gostas de sentir  
logo pela manhã  
o prazer de vestir  
os fatos de «Cardin»  
enquanto os teus iguais  
vivem rotos, esfaimados e boçais?

Se tu és preto  
e gostas de balir  
às turbas exaltadas  
para poder ouvir,  
as vozes esganiçadas,  
ao teu: — ou não é?  
responderem como carneiros: — méeéé /

Então, meu filho do Maputo  
tu não podes ser gente  
Pois não passas dum pobre ser corrupto  
Que os vendilhões fizeram presidente.

José Lisboa